
SER Social

TRABALHO, LUTAS SOCIAIS
E SERVIÇO SOCIAL

Brasília (DF), v. 26, nº 55, de julho a dezembro de 2024

História de um tempo sem memória: resistência das mulheres do Serviço Social na ditadura de 1964-1985

*History of a time without memory: resistance of women in Social Work
during the dictatorship of 1964-1985*

*Historia de una época sin memoria: resistencias de las mujeres en el
Trabajo Social durante la dictadura de 1964-1985*

Júlia Hofmann Mota Campos¹
<https://orcid.org/0009-0000-9691-2992>

Resumo: O presente trabalho é uma resenha do livro: “História de um tempo sem memória: resistência das mulheres do Serviço Social na ditadura de 1964-1985”, obra escrita por Maria Elaene Rodrigues Alves, assistente social, doutora em Serviço Social e professora adjunta da Universidade de Brasília (UnB). O livro é resultado de sua tese de doutorado e traz a contribuição de tirar do esquecimento, trancada nos obscuros porões da ditadura empresarial-militar, uma parte importante da história brasileira. Para investigar as resistências e violências contra

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS) da Universidade de Brasília (UnB). Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela UnB. Graduação em Psicologia pela UnB. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Sociabilidade e Serviço Social (TRASSO). Desde 2011, atua nos equipamentos de enfrentamento da violência contra as mulheres da Secretaria da Mulher do Distrito Federal, como especialista em Assistência Social (psicóloga). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4394728492352899>>. E-mail: <pasmodiantedomundo@gmail.com>.

as mulheres, as assistentes sociais e/ou docentes, durante a ditadura brasileira de 1964 a 1985, a autora realizou uma pesquisa bibliográfica, a análise de documentos do Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil, no Arquivo Nacional do Estado do Rio de Janeiro, além de entrevistas com 10 mulheres que vivenciaram essas experiências. O livro é organizado em três capítulos, sendo que, no título de cada um deles, recebemos a sugestão de um filme, que tematiza o assunto com a história da ditadura militar: “O dia que durou 21 anos: 1º de abril de 1964 e a ditadura empresarial militar”, “Que bom te ver viva: as violências e resistências das mulheres na ditadura empresarial-militar” e “Atrás das portas fechadas: as lutas das mulheres estudantes, assistentes sociais e/ou docentes na ditadura brasileira”.

Palavras-chave: ditadura civil-militar; serviço social; feminismo; movimento de mulheres; relações patriarcais; violências contra as mulheres.

Abstract: This paper is a review of the book: “History of a time without memory: resistance of women in Social Service during the dictatorship of 1964-1985”, written by Maria Elaene Rodrigues Alves, social worker, PhD in Social Service and adjunct professor at the University of Brasília (UnB). The book is the result of her doctoral thesis and contributes to bringing an important part of Brazilian history out of oblivion, locked away in the dark dungeons of the corporate-military dictatorship. To investigate the resistance and violence against women, social workers and/or teachers during the Brazilian dictatorship from 1964 to 1985, the author conducted bibliographical research, analyzed documents from the Reference Center for Political Struggles in Brazil, at the National Archives of the State of Rio de Janeiro, and interviewed 10 women who experienced these experiences. The book is organized into three chapters, each of which contains a film suggestion that addresses the subject with the history of the military dictatorship: “The day that lasted 21 years: april 1st, 1964 and the military-corporate dictatorship”, “How good to see you alive: women’s violence and resistance in the military-corporate dictatorship” and “Behind closed doors: women’s struggles as students, social workers and/or teachers in the brazilian dictatorship”.

Keywords: civil-military dictatorship; social service; feminism; women’s movement; patriarchal relations; violence against women.

Resumen: El presente trabajo es una reseña del libro: “Historia de un tiempo sin memoria: resistencia de las mujeres en el Servicio Social en la dictadura de 1964-1985”, obra escrita por Maria Elaene Rodrigues Alves, trabajadora social, doctora en Ciencias Sociales. Servicio y profesor adjunto de la Universidad de Brasilia (UnB). El libro es resultado de su tesis doctoral y hace el aporte de sacar del olvido una parte importante de la historia brasileña, encerrada en los oscuros sótanos de la dictadura empresarial-militar. Para investigar la resistencia y la violencia contra mujeres, trabajadoras sociales y/o docentes, durante la dictadura brasileña de 1964 a 1985, la autora realizó una investigación bibliográfica, analizando documentos del Centro de Referencia de Luchas Políticas en Brasil, en el Archivo Nacional del Estado de Río de Janeiro, además de entrevistas con 10 mujeres que vivieron estas experiencias. El libro está organizado en tres capítulos, y en el título de cada uno de ellos recibimos la sugerencia de una película, que tematiza el tema con la historia de la dictadura militar: “El día que duró 21 años: 1 de abril de 1964 y la dictadura militar-corporativa”, “Qué bueno verte viva: la violencia y la resistencia de las mujeres en la dictadura corporativo-militar” y “A puerta cerrada: las luchas de las estudiantes, trabajadoras sociales y/o docentes en la dictadura brasileña”.

Palabras clave: dictadura cívico-militar; servicio social; feminismo; movimiento de mujeres; relaciones patriarcales; la violencia contra las mujeres.

O livro “História de um tempo sem memória: resistência das mulheres do Serviço Social na ditadura de 1964-1985” é fruto da tese de doutorado de Maria Elaene Rodrigues Alves, professora adjunta da UnB, que, de forma sensível e comprometida com a dura realidade vivenciada por mulheres na ditadura empresarial-militar, apresenta com rigor metodológico e teórico, bem como crítico, a conjuntura reacionária e ultraconservadora do período da ditadura de 1964 a 1985 no Brasil, desvelando a realidade vivida por mulheres no período e denunciando tratamentos e práticas violentas particulares às mulheres que atuaram de diferentes formas e em diversas frentes de resistência contra a ditadura militar.

Para realizar o referido estudo qualitativo e exploratório, a autora recorreu a uma revisão teórico-bibliográfica, bem como ao trabalho de campo, que incluiu entrevistas com dez mulheres do serviço social que estiveram envolvidas nas lutas e resistências daquele período e que sofreram diferentes tipos de violência naquele processo. Além disso, foram consultadas diversas fontes documentais, incluindo registros do Sistema Nacional de Informações (SNI), disponíveis no Arquivo Nacional e no Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil, denominado de Memórias Reveladas.

Ao fazer o recorte de entrevistar dez mulheres do Serviço Social, alunas e/ou docentes que, de alguma forma, participaram de organizações políticas, lutaram na resistência e sofreram violência naquele período, a autora deixa sua contribuição, também, para os fundamentos do Serviço Social, revelando histórias inéditas de lutas e resistências de mulheres que fizeram e fazem a profissão.

Quando o livro foi lançado, no ano de 2022, tornou-se um contraponto à conjuntura reacionária e conservadora com a qual o Brasil andou às voltas nos últimos quatro anos, durante o governo de ultradireita do presidente Jair Bolsonaro. Se, nos últimos quatro anos, houve ideologias que fomentaram a volta da ditadura militar, que sejam imprescindíveis livros e estudos que nos façam (re)lembrar daquele período histórico tenebroso, para que não tenhamos risco algum do seu retorno.

A obra é organizada em três partes, em que cada capítulo é iniciado com um título que recebe o nome de filmes que tematizam de forma diversa a história da ditadura de 1964. Acessar os filmes sugeridos pela autora é uma forma de valorizar a produção audiovisual brasileira, ao mesmo tempo em que nossos estudos sobre a temática podem ser enriquecidos, pois, como nos lembra a autora, as referidas produções culturais são meios legítimos de conhecimento da sociedade.

Na primeira parte do livro, a autora nos apresenta os antecedentes históricos que culminaram no golpe de 1964, incluindo o contexto político e social que levou à destituição do governo de João Goulart. É discutido o significado daquele período em relação à luta de classes interna no Brasil e à contrarrevolução do capital em nível global. Nesse somatório, entre disputas internas e externas sobre perspectivas societárias distintas, as ameaças ao domínio do capitalismo, bem como o receio dos fantasmas de revoluções socialistas, acionaram uma reação

conservadora intensa e rápida, que achou, nos militares, o protagonismo da força e, nas lideranças, nos partidos e nas instituições ideológicas do grande capital, os seus articuladores. Para que o capitalismo estabelecesse a sua própria ordem, a ditadura civil-militar foi instituída, a partir de um golpe de Estado, criando todas as condições para maiores ganhos do próprio capital.

Posteriormente, no livro, são abordados o autoritarismo e a violência de Estado, quando a autora adentra nas raízes coloniais do Brasil como uma chave para compreender a ruptura institucional e política de 1964. Dentro do quadro de uma “revolução burguesa” inacabada no País, que assimila o liberalismo de modo limitado, ao mesmo tempo em que se constitui em uma sociedade com expressivo caráter autoritário e dependente, a autora nos mostra como a ditadura brasileira se constituiu em uma contrarrevolução, termo cunhado por Fernandes (2006),² posto que uma autocracia burguesa se volta contra a democracia e a incipiente cidadania, conquistada no período de 1946 a 1964.

Assumindo um caráter autocrático, com a prevalência de soluções autoritárias desde a sua constituição, o Estado brasileiro revelou, também, no período da ditadura, a herança de uma sociedade racista, hétero-patriarcal, capitalista e oligarca. Com o uso de violências, mortes, torturas e prisões em massa, em nome da segurança nacional e do “desenvolvimento do País”, milhares de cidadãos foram vítimas da referida contrarrevolução, mas que atingiu de forma diferenciada homens e mulheres.

Apesar de tanto homens quanto mulheres terem sido submetidos às mais bárbaras violências, o livro nos contempla com dados de como as mulheres foram submetidas a formas *particulares* de torturas e demais violências. Particularidades que justificam a necessidade de conhecermos as violências e resistências dessas mulheres durante o período da ditadura civil-militar, uma vez que contribuem para a superação da invisibilidade sobre a história das mulheres e seus processos de opressão.

É o que a autora aborda no segundo capítulo, relatando as violências e resistências das mulheres na ditadura empresarial militar. Compromissada com o feminismo e com movimentos de mulheres, a autora

2 FERNANDES, F. (2006). A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2006.

apresenta os fundamentos históricos do feminismo, incluindo conceitos como patriarcado, relações patriarcais, divisão sexual do trabalho no capitalismo e violência contra a mulher. A partir daí, a violência contra a mulher é discutida como um elemento estruturante do patriarcado e do capitalismo, de modo a reforçar que, durante o período da ditadura civil-militar, foram empregadas diversas formas de violência contra as mulheres que faziam parte, de alguma maneira, do movimento político de resistência durante aquele período, marcado por repressão, prisões, torturas, mortes, desaparecimentos e perda de direitos.

O que a autora nos mostra, com relatos altamente dolorosos de entrevistadas, é como a violência cometida contra as mulheres na ditadura civil-militar “se especificava em relação à condição das mulheres, atuando sobre seus corpos e neles incidindo a partir da sexualidade, da maternidade”, tal qual o ideário conservador de um sistema patriarcal racista e capitalista.

Ao nos contar a história dessas mulheres, que não é só sobre violência, mas, sobretudo, sobre resistência e luta, a autora nos apresenta mulheres que lutaram bravamente uma luta violenta e que, por serem mulheres, foi se definindo como uma luta de “dupla jornada” de transgressão: lutando como agentes políticos insurgentes contra o regime autoritário, mas também insurgentes contra os padrões tradicionais de gênero.

Em seguida, o capítulo aborda a contribuição e as formas de participação das mulheres no Movimento da Anistia Internacional e no processo de redemocratização do País, destacando o papel fundamental das mulheres na luta por justiça, memória e democracia.

Por fim, a autora conclui a obra com o terceiro capítulo, abordando as lutas das mulheres estudantes, assistentes sociais e/ou docentes na ditadura brasileira. Por meio de uma análise das condições históricas específicas dentro do âmbito do Serviço Social, nas quais as mulheres estudantes, assistentes sociais e/ou docentes se envolveram na luta política contra a ditadura civil-militar de 1964-1985, a autora demonstra como tais lutas e contestações político-ideológicas expressam uma reação ao conservadorismo, que historicamente marcou a profissão.

Embora a tendência mais crítica da profissão tenha encontrado obstáculos significativos durante a ditadura civil-militar, devido à falta de liberdade, às restrições aos espaços de debate e à suspensão de alguns

sujeitos políticos de seus ambientes de trabalho e formação, as lutas e perseguições enfrentadas por tais mulheres do Serviço Social contribuíram para o desenvolvimento, nas décadas seguintes, durante o processo de redemocratização do País, do debate crítico dentro da profissão, de modo a examinar os impactos das violências, das perseguições e da perda de direitos, bem como as resistências e lutas dessas mulheres para o movimento de renovação da profissão e para a organização da categoria durante o avanço da resistência democrática, além de, com a participação ativa dessas mulheres, favorecer a construção do importante Congresso da Virada, de 1979, como um marco do citado protagonismo.

Por fim, não podemos deixar de mencionar a contribuição que a obra faz no sentido de resgatar uma história emblemática, pois há quem invista no seu silenciamento e esquecimento, reforçando, ao contrário, uma perspectiva de denúncia política, de modo a reafirmar que “uma ditadura não se apaga com eleições, ausência de participação popular, pragmatismo e acordos políticos e, nem mesmo, com uma Constituição, embora eleições e constituições sejam muito importantes”.

Além disso, a obra deixa explícita a noção da impunidade que o Estado brasileiro comete reiteradamente, ao destacar que “os militares não pagaram pelos seus crimes e, do ponto de vista dos militantes, não houve, de fato, uma anistia e tampouco a memória desse período histórico foi amplamente reconstruída e divulgada”.

Referências

ALVES, Maria Elaene Rodrigues. **História de um tempo sem memória: resistências das mulheres do Serviço Social na ditadura de 1964-1985**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2022.